

VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site Folha Web ( <a href="https://www.folhabv.com.br">https://www.folhabv.com.br</a> )	Boa Vista	Política	15/02/2019



## PRIMEIRO ESCALÃO

# Coronel do Exército é nomeado na Representação em Brasília

Por [CYNEIDA CORREIA](#)

Em 15/02/2019 às 00:35

O governador Antonio Denarium empossou mais um militar no governo. Desta vez, o nomeado é o coronel de infantaria José Eduardo Gondim Filho, que atuava como coordenador-geral de Segurança de Instalações, do gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, coordenado pelo general de Exército Augusto Heleno.

Gondim será secretário-adjunto da Representação do governo de Roraima em Brasília, pasta que tem status de secretaria na atual configuração governista. O anúncio foi feito no Diário Oficial de ontem, 14.

A reportagem da **Folha** questionou o governo de Roraima sobre os critérios para a nomeação. Em nota, a assessoria respondeu que “os atos de nomear e exonerar são prerrogativas do chefe do Executivo com valorização da meritocracia”.

O cargo era ocupado pelo advogado e jornalista JR Rodrigues, que por questões pessoais pediu exoneração após 30 dias à frente da pasta. No pedido de demissão, ele citou que, desde abril de 2018, nenhuma obrigação, exceto os salários, tinha sido paga pela representação que acumulava uma dívida de cerca de R\$ 600 mil.

<https://www.folhabv.com.br/noticia/Coronel-do-Exercito-e-nomeado-na-Representacao-em-Brasilia/49938>

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site UOL ( <a href="https://canalrural.uol.com.br">https://canalrural.uol.com.br</a> )	Brasil	AGRO	14/02/2019

UOL HOST PAGSEGURO CURSOS LOJA VIRTUOL UOL BUSCA BATE-PAPO EMAIL

AO VIVO BUSCA NO CR

NOTÍCIAS TEMPO COTAÇÃO LEILÃO PROGRAMAÇÃO BLOGS MAIS SITES

## AJUSTE NAS CONTAS

### Ministro da Cidadania tenta convencer Guedes a reduzir cortes no Sistema S

Osmar Terra defende que parte desses recursos seja usada para reforçar programas sociais da sua pasta, formada também por Desenvolvimento Social, Cultura e Esporte

14 de fevereiro de 2019 às 09:53

Por Estadão Conteúdo



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

O ministro da Cidadania, Osmar Terra, atua para minimizar os cortes planejados pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, no Sistema S, que engloba algumas entidades, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Terra defende que parte desses recursos seja usada para reforçar programas sociais da sua pasta, formada também por Desenvolvimento Social, Cultura e Esporte.

“Estou entre a faca e o Sistema S. Eu entrei no meio. Pedi para o ministro Paulo Guedes que a gente pudesse, disse que ele pretende cortar, uma parte ser usada nos programas sociais. Ele aceitou a ideia e estamos montando uma proposta para a gente montar e apresentar ao ministro Paulo Guedes”, disse Terra.

Em dezembro, antes de assumir o cargo, Guedes disse que ‘tem que meter a faca no Sistema S’, ou seja, fazer cortes. Na época, destacou que todos precisavam contribuir e que seria necessário ‘cortar pouco para não doer muito’. Para Terra, o sistema, que se dedica, entre outras coisas, ao ensino profissionalizante no país, possui uma capilaridade enorme que precisa ser usada nos programas sociais.

O Sistema S é formado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac); Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest).

<https://canalrural.uol.com.br/noticias/ministro-cidadania-convencer-reduzir-cortes-sistema-s/>

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site Comex do Brasil ( <a href="https://www.comexdobrasil.com">https://www.comexdobrasil.com</a> )	Brasil	ECONOMIA	14/02/2019



## Governo vai promover a inserção competitiva do Brasil no comércio global, diz Marcos Troyjo

Marcos Troyjo 14/02/2019



Brasília – O aumento da geração de riqueza no Brasil passa, necessariamente, pelo aumento da inserção do Brasil no comércio internacional, com crescimento do fluxo de exportações e importações como um todo, destacou nesta quarta-feira (13) o secretário especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais do Ministério da Economia, Marcos Troyjo.

“Esse cronograma está sendo feito em sintonia com as outras áreas do Ministério da Economia e de todo o governo. Vamos evitar erros do passado, descoordenação, como se a política comercial fosse algo apartado da política econômica”, disse, ao participar do seminário de abertura do ano de 2019 da revista Voto, em Brasília.

“Nós queremos que, no dia 31 de dezembro de 2022, você consiga enxergar um porcentual muito maior do comércio internacional como componente do PIB [*Produto Interno Bruto*]”, afirmou o secretário especial. “Isso significa aumentar exportações e isso significa também aumentar as importações. As grandes economias competitivas do mundo são também economias que importam muito”, explicou.

Ele afirmou que o governo vai realizar movimentos coordenados, amplos e graduais de abertura, de maneira responsável, alinhados a medidas de melhoria tributária,

simplificação burocrática, incremento dos mecanismos de promoção comercial, entre outros.

### **Comércio exterior: alavanca para o desenvolvimento**

Ao citar uma trajetória global dos últimos 70 anos, Troyjo elencou vários países que conseguiram mudar de patamar e que utilizaram o aumento do comércio exterior como alavanca de sua estratégia de desenvolvimento: Alemanha e Japão, depois da 2ª Guerra Mundial; China, desde 1978; Chile, a partir dos anos 1970; Espanha, desde 1982; Singapura e Coreia do Sul. “São todos países que ascenderam na escala da renda *per capita* e da competitividade internacional”, lembrou.

O Brasil, no entanto, historicamente mantém baixa presença do comércio exterior na composição do Produto Interno Bruto (PIB), ressaltou o secretário. “A nossa fatia do comércio internacional é ínfima: oscila de 0,9% a 1,2%, 1,3%. É muito pequeno para quem é a oitava economia do mundo”, alertou.

Mas o secretário especial ressaltou que a maior inserção do Brasil no comércio global exige a construção de soluções harmônicas, coerentes e com foco no futuro.

“Prefiro muito mais a expressão inserção competitiva do Brasil no comércio global do que simplesmente a ideia de abertura”, advertiu. “Se fosse assim, era fácil. Você jogava tarifas e cotas no chão e teria a estrada para o paraíso pavimentada. Mas não é assim. A abertura é um dos pontos de apoio de um projeto de inserção internacional”.

Marcos Troyjo destacou que além dos ajustes internos, é importante olhar com atenção a conjuntura internacional. Lembrou que há “um traslado do meridiano geoeconômico do mundo do Atlântico para o Pacífico”, com a crescente importância das economias asiáticas, em especial, a China – que hoje é a segunda maior economia do mundo.

O secretário ressaltou que o Brasil e Estados Unidos são dois gigantes do continente americano e que vivem um momento profícuo para construir uma maior aproximação comercial. “Este é o momento de incrementar as relações comerciais com os Estados Unidos. O Brasil precisa voltar a ser um interlocutor, um importante parceiro comercial dessa economia que continuará durante muito tempo a ser o epicentro de todo o sistema econômico mundial”, afirmou Troyjo.

<https://www.comexdobrasil.com/governo-vai-promover-a-insercao-competitiva-do-brasil-no-comercio-global-diz-marcos-troyjo/>

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site Em.com ( <a href="https://www.em.com.br">https://www.em.com.br</a> )	Brasil	Economia	14/02/2019

## Ano é de otimismo para a construção civil

*Projeção do Sinduscon é que 2019 seja promissor para o segmento, contribuindo para impulsionar toda a cadeia produtiva. No ano passado, setor se manteve estável*

- [Economia](#)

Há 23 hora



Foto: Lucas Colombo/DN

### Criciúma

O ano ainda está no início, mas já traz otimismo para um dos principais setores da economia: o da construção civil. Após passar por queda em períodos anteriores, o segmento obteve estabilidade em 2018 e vislumbra um cenário mais positivo em 2019. É essa a projeção do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Sul Catarinense (Sinduscon), com base nas perspectivas que se desenham para os próximos meses.

- PUBLICIDADE -

[Publicidade](#)

De acordo com o presidente do sindicato, Olvacir Bez Fontana, 2019 tende a trazer mais segurança à classe empresarial, que se manteve cautelosa no último ano em virtude das mudanças ocorridas no país, especialmente no ramo político. “Em 2018, as empresas tentaram ficar mais estáveis e estudando metas para o próximo ano. Agora, com o novo presidente, há um sinal em direção ao crescimento. Uma pesquisa apontou que 67% dos empresários estão otimistas. Logo, estando otimista, ele começa a fazer investimentos, o que faz com que a economia cresça. Por isso, 2019 deve ser um ano promissor, diferente, com desenvolvimento”, pontua.

Em 2018, segundo ele, o crescimento não foi tão expressivo para o setor, mas já contribuiu para a retomada que se desenha.

*Confira a reportagem completa na edição desta quinta-feira, 14, do DN.*

<https://dnsul.com/2019/economia/ano-e-de-otimismo-para-construcao-civil/>

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site Portos e Navios ( <a href="https://www.portosenavios.com.br">https://www.portosenavios.com.br</a> )	Brasil	Geral	14/02/2019



## Indústrias de suco de laranja buscam espaço para elevar exportação

GERAL  
14/02/2019 - 20:22



Se o jogo transcorre sobre um mapa-múndi que muda de forma e encolhe conforme a areia enche a parte de baixo da ampulheta, para avançar não há alternativa a não ser atacar as fileiras adversárias de olho nos danos aos quais suas próprias bases estão expostas. Rapidamente.

Assim é o tabuleiro no mercado global de suco de laranja, cuja demanda em geral está em queda em meio a um lento deslocamento do consumo de países

desenvolvidos para mercados emergentes e onde os exportadores se espremam entre preços relativamente baixos e aumento dos custos logísticos.

Tais “regras” estão sendo consolidadas há mais de uma década, e as indústrias exportadoras de suco brasileiro, que dominam mais de 80% das exportações, nunca precisaram tanto da ajuda do governo para defender seu quinhão e encontrar caminhos para tentar ampliá-lo.

Em recentes reuniões em Brasília nos ministérios da Agricultura e da Economia, a CitrusBR, que representa Citrosuco, Cutrale e Louis Dreyfus Company, que concentram os embarques, expôs sua agenda para tentar elevar, em até US\$ 300 milhões, vendas que têm rendido cerca de US\$ 2 bilhões por ano.

Essa agenda, que sem a ajuda do governo ficará no papel, tem três capítulos principais: China, Coreia do Sul e Estados Unidos. Nos dois países asiáticos, o consumo de suco de laranja tem crescido, ao passo que nos EUA, que também exportam a commodity, a ideia é aproveitar brechas geradas por problemas que ceifaram a oferta local nos últimos anos.

Na China, diz Ibiapaba Netto, diretor-executivo da CitrusBR, o problema é a variação tarifária que incide sobre a entrada do suco de laranja congelado e concentrado (FCOJ) a depender da temperatura. Até 18°C negativos, a taxa é de 7,5% sobre o valor da venda, mas de 17,9°C negativos para cima, passa a ser de 30%.

As indústrias brasileiras exportam para o mercado chinês pagando a tarifa de 7,5%, mas para isso transportam o produto em tambores, e não a granel — ou seja, perdem escala e competitividade e veem suas margens diminuir.

Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) compilados pela CitrusBR, na safra 2017/18, que terminou em julho, os embarques à China alcançaram 39,4 mil toneladas, 33,2% mais que em 2016/17, e renderam US\$ 79,9 milhões, um aumento de 45,6% na comparação.

É pouco diante de exportações que em 2017/18 totalizaram 1,15 milhão de toneladas (US\$ 2,1 bilhões), mas os esforços em driblar a grande variação tarifária se justificam pelo acelerado ritmo de aumento do consumo de suco de laranja no mercado chinês.

Como já informou o Valor, estudo da consultoria Markestrat, com sede em Ribeirão Preto (SP), mostrou que, de 2003 a 2017, a demanda da China por suco cresceu 184%, para 130 mil toneladas, enquanto o mercado global recuou 21,6%, a 1,9 milhão de toneladas.

A queda foi determinada por um forte arrefecimento das vendas em mercados tradicionais como EUA, Alemanha e França, nos quais os exportadores de suco brasileiro fincaram há décadas suas bandeiras e nadaram de braçada enquanto o suco de laranja não enfrentava tantas bebidas concorrentes mais baratas.

E o tombo poderia ter sido maior, não fossem os investimentos brasileiros na promoção da bebida na Europa e o aumento das vendas de suco não concentrado (NFC) para aquele mercado, ainda o principal para o produto brasileiro no exterior

Não há, portanto, fronteira melhor para tentar recuperar o brilho de outrora como a China. “Precisamos acabar com esse gatilho entre tarifa e temperatura, que não é usual no comércio internacional. Se as indústrias conseguirem a escala necessária [com vendas a granel], poderão inclusive investir em terminais próprios no país”, afirma Ibiapaba.

O dirigente esteve na embaixada chinesa em Brasília há algumas semanas e acredita que esse avanço com infraestrutura própria naquele país não enfrentará resistência de Pequim, porque a produção local é basicamente formada por mexericas e o mercado chinês de laranja de mesa é quatro vezes maior que o de laranja para a produção de suco.

No que se refere à Coreia do Sul, o problema começa na América do Norte. Ocorre que EUA e México negociaram com Seul a derrubada da tarifa ad valorem de 54% que continua a incidir sobre o suco brasileiro, e a CitrusBR confia que nas negociações entre Mercosul e Coreia do Sul, que estão começando, essa desvantagem poderá ser corrigida.

Segundo dados da entidade, o Brasil chegou a vender 30 mil toneladas ao mercado coreano quando as condições concorrenciais eram isonômicas, mas nos últimos anos o volume zerou. Recuperar o volume perdido não será difícil, desde que o governo aja para derrubar a taxa que hoje só prejudica o Brasil.

Essa perda de vendas para os EUA na Coreia do Sul, por outro lado, reforça a certeza dos exportadores de suco brasileiro que é possível ampliar os embarques

para o mercado americano, de preferência a partir do fim da tarifa de US\$ 415 por tonelada que onera o FCOJ do Brasil nas exportações para os Estados Unidos.

Mesmo com a taxa, os EUA já são um importante destino das vendas, já que a produção da Flórida caiu na última década por causa do avanço da doença

conhecida como greening nos pomares. Mas quem tem conquistado mais espaço no copo do Tio Sam é o México.

Em meados da década passada, lembra Ibiapaba, os mexicanos exportavam cerca de 30 mil toneladas de suco para os EUA, enquanto o Brasil chegava a embarcar 200 mil toneladas. Hoje, o volume brasileiro caiu para 140 mil toneladas e o mexicano se aproxima de 120 mil.

Com a produção local limitada pelo greening e a boa rentabilidade das exportações americanas, raciocina Ibiapaba, tem sobrado pouco suco, a preços salgados, para o mercado doméstico, e o Brasil pode aproveitar a lacuna.

“Com o carimbo ‘made in Florida’, o suco americano sai do país com prêmios. Não precisamos competir nessa faixa. O suco brasileiro já representa 25% do consumo nos EUA e essa fatia pode crescer. Chegamos a responder por 90% das importações americanas, mas hoje ficamos com entre 50% e 60%”, afirma. Nesse processo, o fato de as indústrias brasileiras manterem produção nos EUA pode ser considerado um trunfo.

Fonte: Folha SP

<https://www.portosenavios.com.br/noticias/geral/industrias-de-suco-de-laranja-buscam-espaco-para-elevar-exportacao>